

A MÃO E O TORNO: a divisão sexual do trabalho entre produtores de cerâmica.

Beatriz Góis Dantas

Nota Explicativa

Este trabalho se constitui num dos resultados parciais da pesquisa "Artesanato em Sergipe — Cerâmica" Desenvolvida pelo Setor de Antropologia do Departamento de Psicologia e Sociologia — UFS. Dela participaram os professores Hélia M^a de Paula Barreto, Fernando Lins de Carvalho, Luiz Alberto dos Santos, além da autora deste artigo, que a coordenou, em sua fase inicial. (1)

Embora a pesquisa tenha sido planejada e discutida coletivamente, os colegas não devem ser responsabilizados pelos possíveis desacertos interpretativos deste artigo, cujo título é inspirado em Pierre Clastres (1978). Ao publicá-lo, agradeço a Maria Aparecida Souza Santos, aluna bolsista que nos ajudou na coleta de dados na cidade de Itabaianinha e aos artesãos que concordaram em dividir com os pesquisadores a atenção posta no seu trabalho.

Este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre masculino e feminino, em sua relação com o mundo do

1. Ver *Artesanato em Sergipe — Cerâmica* — Relatório Preliminar e Parcial de Pesquisa. Beatriz Góis Dantas (Coord.) UFS/CECH/DPS. (Mimeo) 1983.

trabalho. Especificamente nos ocupamos do trabalho desenvolvido no interior de grupos domésticos por produtores de cerâmica e tentamos ver como o espaço doméstico e o acesso diferencial aos instrumentos de trabalho são articulados na delimitação de fronteiras entre masculino e feminino. Acreditamos que ele ajudará a entender a situação da mulher que trabalha no interior de sua casa e desenvolve, com os que nela residem, um trabalho comum.

Os dados empíricos que lhe servem de base foram coletados em 1981, na cidade de Itabaianinha, importante centro ceramista do sul do Estado de Sergipe, cuja produção é encaminhada, sobretudo, para o mercado baiano (Pereira, 1957, 1961).

A nossa unidade de análise era, não o artesão em si, mas a unidade produtora de "louça de barro". Foram visitadas 10 unidades produtoras às quais aplicamos questionário que foi completado com entrevistas mais longas realizadas com membros de 3 unidades de fabricação de cerâmica.

A Unidade de Produção

Em Itabaianinha, a unidade produtora é quase sempre organizada no interior de um grupo doméstico. Optamos pelo conceito de grupo doméstico, pois a noção de família cria algumas dificuldades, quando na delimitação das unidades produtoras que devem ser unidades empiricamente mensuráveis, o que nem sempre é fácil, no caso de se trabalhar com o conceito de família. Estas, como coloca Leny Silverstein, "são um pouco mais difíceis de definir, dado que parecem ter dois níveis de significação. Um deles, o nível normativo, é a família nuclear: marido, esposa e filhos/filhas que devem viver juntos. O outro nível é a teia mais estendida de relações de parentesco, aquelas relações de sangue e casamento que as pessoas ativam de modo seletivo. Tal como Rapp (1978) assinala, a família fornece a estrutura ideológica através da qual as pessoas são recrutadas para os grupos domésticos, sendo dentro da noção de família que as pessoas entram em relações de produção, reprodução (sexualidade, reprodução e socialização das crianças) e consumo. As famílias organizam grupos domésticos e é dentro das famílias/grupos domésticos que as pessoas experimentam a falta ou

existência, a partilha ou não de recursos básicos de um fundo comum". (Silverstein, 1979: 151)

Os muitos filhos e filhas de um mesmo casal, o que, por definição, constituem uma família nuclear, podem formar vários grupos domésticos, na medida em que, com o casamento, deixam a casa dos pais e constituem uma outra unidade de produção e consumo, um outro grupo doméstico que, por sua vez, pode agregar pessoas ligadas por laços de parentesco consanguíneo ou afim, mas não necessariamente da família nuclear, variando, assim, sua composição e suas relações com a alocação de recursos.

Das 10 unidades produtoras visitadas, 9 delas se circunscrevem no interior do grupo doméstico, no sentido de que o processo produtivo, exceto a busca de matéria-prima e combustível, é desenvolvido, unicamente, pelos integrantes do grupo. Só em um caso a unidade produtora de cerâmica agregava um indivíduo estranho ao grupo doméstico, se bem que aparentado, e, neste caso, sob a alegação de que era aprendiz, executava somente as tarefas de preparação do barro. É possível que esta situação se repita e se amplie em outras unidades produtoras que não foram por nós visitadas. O grupo doméstico, contudo, freqüentemente extrapola-se na comercialização do produto.

Embora a produção de louça de barro seja circunscrita quase sempre ao interior do grupo doméstico, isto não significa que todos os integrantes do grupo participem das atividades relacionadas com tal produção. Muitos deles têm outras ocupações e, não raro, lidam com o barro nas "olarias". Há, contudo, diferenças marcantes entre trabalhar com o barro nas "olarias" e na própria casa. Essas diferenças são percebidas e colocadas pelos próprios informantes, através da oposição entre "oleiro" e "louceiro", categorias que usam para denominar os trabalhadores do barro. Tal oposição, no campo semântico, expressa diferenças significativas quanto às formas de organização da produção. O "louceiro" é aquele que, tendo seus instrumentos de trabalho, adquire o barro e o trabalha em casa, fazendo "louças" para vender. O "oleiro" trabalha na "olaria", utilizando um espaço, instrumentos e matéria-prima que pertencem a um patrão, de quem ele recebe um salário para trabalhar fabricando "cerâmica" (tijolos, telhas, manilhas etc.). Têm os trabalhadores do barro uma noção bastante clara de que o "louceiro" trabalha numa unidade de produção que

se rege por relações de trabalho academicamente denominadas não capitalistas, enquanto o "oleiro" inscreve-se numa relação de produção capitalista.

A carreira de alguns dos atuais "louceiros" indica o trânsito de indivíduos entre o trabalho com o barro no interior do grupo doméstico ("louceiro") e nas olarias ("oleiro", "ceramista") reavivando, para eles, as diferenças entre as diversas formas de ordenar a produção, a partir do barro. Este trânsito entre o trabalho assalariado e o trabalho por conta própria entre os trabalhadores do barro sugere que a produção de "louça de barro" no interior de um grupo doméstico, — o que tem sido denominado de artesanato — não é simplesmente uma forma residual e arcaica sobrevivente no capitalismo, mas algo que é recriado na ordem capitalista, em função dos interesses materiais e simbólicos das classes e dos grupos sociais. (Bourdieu, 1974)

Os "louceiros" da cidade compram o barro e a lenha necessários à confecção e à queima das peças. No dizer de uma louceira: "lenha e barro nós compra dos ricos, pois os pobres só tem mãos pra fazer". Têm as mãos e, no caso, os instrumentos de trabalho, dos quais o mais sofisticado é o torno. Este, assim como o forno, exige conhecimentos especializados na fabricação e um dispêndio de recursos para ser adquirido. O torno está presente em seis das dez unidades produtoras visitadas, sempre associado à participação do homem na fabricação da "louça de barro". Só o homem pode manuseá-lo. As mulheres modelam o barro com as mãos auxiliadas por pedaços de paus, metais, couro ou simplesmente sementes e frutos, arremedos de instrumentos que funcionam como raspadeira, grosador etc. (2)

A exceção do torno e do forno, que são peças fixas, os demais instrumentos de que se servem os artesãos são instrumentos que podem ser transportados facilmente de um local para outro. Isto faz com que o homem, que é quem manuseia o torno, tenha, no interior da casa, um espaço destinado à confecção das peças, enquanto as mulheres, que trabalham à mão, utilizando-se de ferramentas rudimentares, podem escolher diferentes locais para modelar as peças. O local de trabalho pode ser a própria cozinha, uma árvore em frente à casa ou no fundo do quintal. Trabalham geralmente sentadas no

2. Para descrição detalhada dos instrumentos, ver Carvalho, 1981.

chão, tendo diante de si uma superfície lisa, quase sempre uma tábua, sobre a qual executam as peças.

É nesse espaço que abrange a casa propriamente dita, o terreiro (área em frente à casa, sem mato e, às vezes, com plantas ornamentais) e o quintal que homens e mulheres fabricam a "louça de barro". Depois de modelada a peça é posta para secar ao sol, sendo em seguida "queimada" no forno. Alguns recebem um acabamento antes da queima, outras são pintadas depois de queimadas e a maioria das peças está pronta para ser comercializada quando sai do forno.

A Organização e a Divisão do Trabalho no Interior das Unidades Produtoras

Em função do sexo, idade e número de pessoas que integram uma unidade produtora se estabelecem diferenças significativas no tocante à organização e divisão do trabalho.

Numa unidade produtora constituída de um único ceramista, a organização do trabalho será evidentemente diferente daquela existente em outra unidade constituída por um grupo doméstico numeroso e todo ele integrado às atividades relacionadas com a "louça de barro". Vejamos duas situações polares.

Numa unidade produtora constituída de um único ceramista, a organização do trabalho será evidentemente diferente daquela existente em outra unidade constituída por um grupo doméstico numeroso e todo ele integrado às atividades relacionadas com a "louça de barro". Vejamos duas situações polares.

Dona Santinha é uma viúva de sessenta anos. Vive com um filho de vinte e três anos. Ele é pedreiro, ela faz cerâmica. Sozinha, limpa e prepara o barro, modela as peças à mão, queima, embala, transporta e vende. Considerando que a feira local já tem muitos vendedores, ela mesma se desloca, de caminhão, para as feiras de Tobias Barreto e Tanque Novo, levando sua pequena produção semanal constituída de panelas, frigideiras, torradores de café etc. Contando, apenas eventualmente, com a ajuda do filho para pisotear o barro, ela executa todas as fases de produção e comercialização da cerâmica: desde o recebimento da matéria-prima em sua porta, até a transação final do produto no mercado. Es-

sas tarefas são executadas paralelamente com seus afazeres domésticos de cozinhar e lavar para ela e para o filho.

Bem diferente da rotina de trabalho de Dona Santinha é a organização e a divisão do trabalho da unidade produtora de Dona Francisca. Integrante de numeroso grupo doméstico constituído por ela, o marido e sete filhos, três mulheres e quatro homens, todos adultos e todos envolvidos com as atividades da cerâmica. Esta é a atividade básica do grupo doméstico e nela trabalham, de segunda a sábado, "desde que o sol nasce até que o sol se põe, e vira a noite quando tá queimando."

O marido, antigo trabalhador nas olarias, no tempo em que morava na área rural, é hoje "encostado", termo com que se indica o fato de não ter um lugar definido na produção. É pessoa de saúde precária e, embora não trabalhe na confecção das peças, realiza uma série de atividades ligadas, sobretudo, à comercialização de matéria-prima e da "louça de barro". Acerta as encomendas com os fornecedores de barro e lenha, embala as peças para transporte, recebe os compradores e com eles comercia e, eventualmente, quando não aparecem compradores na porta da casa, vai à feira da cidade vender a cerâmica.

Os demais membros do grupo doméstico estão todos diretamente ligados à produção e, nesta, a divisão das tarefas é determinada, basicamente, pelas diferenças entre os sexos. Os homens trabalham no torno, as mulheres fazem louça com as mãos. Cortar a lenha para o forno (este grupo doméstico prefere comprar toros por ser mais barato) é tarefa dos homens, bem como "pisar" o barro (pulverizá-lo com porretes ou com os pés). Há atividades que são comuns aos dois sexos, mas preferencialmente executadas pelos homens, tais como carregar o barro para dentro de casa, limpá-lo, prepará-lo, acompanhar a queima. Participam, igualmente, homens e mulheres, nas atividades de colocar as peças ao sol, carregar e descarregar o forno e pintar as peças (os homens no torno, as mulheres à mão). De todas essas tarefas, contudo, onde a divisão sexual do trabalho é mais nítida é na modelagem das peças, feita com o uso do torno, pe'os homens e com o auxílio das mãos, pe'as mulheres. Estas, além dos trabalhos de cerâmica, encarregam-se de cuidar da casa, lavar, passar e cozinhar. Os mais jovens, de ambos os sexos, também estudam.

Na divisão do trabalho, um outro nível de clivagem interna menos importante e, até certo ponto, fluido, é feito pela idade e remete à questão de conhecimento das técnicas, e da maior experiência e habilidade do artesão. Dentre as mulheres, a mãe é quem modela e decora os pratos de barro, pois as filhas, embora conheçam a técnica, "não têm muita prática", ou seja, não se exercita nela. As mulheres aprendem a fazer todas as peças que são modeladas à mão e, do mesmo modo, o homem aprende a fazer as peças executadas no torno. "O gostar de fazer a peça" e fazê-la bem feita são critérios que, de algum modo, interferem na decisão de quem faz o quê, decisão que respeita a divisão sexual do trabalho, renovando-se a cada semana e mesmo a cada dia, em função das encomendas que refletem as demandas do mercado.

As habilidades especiais de cada um não chegam, contudo, a criar especialistas em determinado tipo de peça no interior do grupo doméstico. Todos os membros masculinos do grupo são capazes de fazer as tarefas próprias dos homens e, do mesmo modo, as mulheres são adestradas para executar todas as tarefas tidas como femininas. Assim, os limites do conhecimento, da técnica e da habilidade no fazer são circunscritos pela definição do que é "trabalho do homem" e "trabalho da mulher", às vezes definido de forma bastante impositiva, vedando às mulheres o trabalho com o torno.

Este numeroso grupo doméstico, que trabalha com o barro em regime de tempo integral, produz semanalmente grande quantidade e variedade de peças. São pratos, travessas, xícaras, cuscuzeiros, "agridás", panelas, frigideiras, "caboças", torradeiras de café, "buiões", chaleiras, potes, porrões, cabaças, moringas (de vários tipos), talhas, cofres, caqueiros (de vários tipos), cacos de água para passarinho e miniaturas diversas. A entrega dessa mercadoria aos intermediários, e são muitos, é tarefa que demanda tempo. Como dizem eles: "quase todo dia tem gente pegando encomenda" que vai para Salvador, Esplanada, Aracaju e outros lugares.

Desse modo o pai, o velho "encostado" que não trabalha diretamente na produção por não ter saúde para manusear o torno, encontra uma alternativa masculina de trabalho e, através dela, reduz o seu desprestígio de "encostado", ao assumir encargos no conjunto das tarefas realiza-

das pelo grupo doméstico, verdadeira unidade de produção e consumo.

No seu interior, respeitadas as demarcações gerais colocadas pelas regras de divisão do trabalho vigente na comunidade, as pessoas realizam as tarefas e partilham os recursos básicos de um fundo comum. Como diz a mãe: "aqui todo mundo trabalha junto, come junto e o dinheiro é um bolo só."

"Trabalho leve" X "Trabalho pesado" — a bioiogização do social

Na produção da "louça de barro", uma oposição muito clara organiza e domina algumas das atividades dos homens e mulheres no interior dos grupos domésticos. A mão e o torno expressam essa oposição. Ao contrário de outros instrumentos que podem ser manuseados indiferentemente por ambos os sexos, o torno escapa a essa neutralidade. Ele é vedado às mulheres. Embora não tenhamos registrado a presença de crenças sobrenaturais reforçadoras dessa inacessibilidade da mulher ao torno, o fato é que ao longo de toda a pesquisa, nos diferentes locais pesquisados, foi registrado apenas um caso de mulher manuseando o torno para produzir "louça de barro". (3) Onde homens e mulheres trabalham o barro, o torno é sempre uma exclusividade masculina. Enquanto isso, as mulheres modelam peças à mão, utilizando-se de pedaços de metal, couro, paus ou cabaças que funcionam como raspadores, alisadores etc. A explicação que os artesãos encontram para esse uso diferencial de instrumentos na execução da mesma tarefa — fazer "louça de barro" — é que o trabalho no torno é "trabalho pesado" e não é trabalho para mulher. Essa explicação é também vigente em Carrapicho-Se, onde o manuseio do torno é um monopólio masculino. (Dantas, 1980: 48) Isto acontece também em muitas outras localidades. (4) A idéia básica pela

3. A informação nos foi transmitida por Hélio Maria Paula Barreto que, em 1984, pesquisando ceramistas de Aracaju encontrou uma mulher trabalhando no torno.

4. Em Tambaú (SP), quando homens e mulheres trabalham em cerâmicas artesanais, o torno é exclusivo dos homens e as explicações remetem à falta de força, persistência e inteligência entre as mulheres, sendo a falta

qual se explica a exclusão das mulheres no uso deste instrumento de trabalho remete à classificação do trabalho em "trabalho leve" e "trabalho pesado". Segundo essa classificação, "trabalho pesado" é, por definição, aquele que exige maior força física, e esta é um atributo próprio do homem. Por antítese é que o sexo feminino é tido como sexo frágil. Na distribuição social do trabalho, aos "fortes" caberia o "trabalho pesado", aos "fracos", o "trabalho leve". Essa "ideologia da força" marca profundamente a divisão do trabalho nas áreas rurais, tendo sido analisada por vários autores, sobretudo no que se refere à agricultura. Estudando os bóias-frias das fazendas de café de São Paulo, Verena Martinez Alier observa que, nesta região, embora a divisão sexual do trabalho seja pouco clara, devido à ausência de homens que preferem ir trabalhar na construção civil e, que na falta destes, as mulheres executam tarefas que idealmente seriam masculinas, há, no entanto, "algumas tarefas que requerem força bruta. São os "serviços pesados" feitos por homens, devido à sua alegada força física maior". (Alier, 1975: 78)

Do mesmo modo, essa "ideologia da força", associada à idéia do "trabalho pesado" para homem e "trabalho leve" para mulher, preside a tradicional divisão das tarefas agrícolas entre os trabalhadores da cana-de-açúcar no Nordeste, como indicam as pesquisas de Garcia Jr. e Heredia (1971) e Aguiar (1980). Está presente também nas atividades de comércio. Embora estas sejam tidas como próprias do homem, quando a mulher se apresenta nas feiras ela vende produtos que não exigem o uso da "força". Em Pernambuco, Moacir Palmeira encontrou a seguinte explicação: "Mulher só vende uma coisinha maneira. Também a farinha, a carne precisa de força que a mulher não tem. Mulher não dá para vender farinha, que farinha exige muito cálculo." (Palmeira, 1971, *apud* Mott, 1975: 170, (grifo nosso).

Estas regras do cotidiano reproduzem-se inclusive no plano ritual. Como observa Regina de Paula Santos Prado em seu estudo sobre o bumba-meu-boi do Maranhão, o cerimonial de levantamento do mastro envolve "dos cortejos: o dos homens e o das mulheres, cada um realizando uma tarefa

do último atributo estendido também ao negro (Mazzeiro, 1982:93-94). Entre ceramistas do México, organizados em produção familiar, as mulheres são excluídas do torno, com base na mesma representação de falta de força (Novelo, 1966:106).

específica. O critério que os discrimina é a ausência ou presença da força física, o mesmo que distingue os trabalhos da roça em pesados (masculinos) ou leves (femininos) e que está na base da divisão social do trabalho." (Prado, 1977: 49, grifo nosso).

A interpretação da divisão sexual do trabalho com base na força física, característica que seria inerente à biologia dos sexos, é, pois, bastante difundida, transpondo, inclusive, o mundo do trabalho e permeando outras esferas da atividade humana. Qual o verdadeiro papel do biológico nessa determinação das tarefas definidas como do homem e da mulher? De forma mais abrangente, qual o papel da biologia nessa hierarquização dos sexos?

O biológico tem sido freqüentemente invocado na construção e cristalização de nossa ideologia sobre desigualdade entre os sexos. Desse ponto de vista, a subordinação feminina seria algo necessário e natural, determinada pela própria constituição biológica da mulher.

Não se trata de negar diferenças biológicas entre os sexos, diferenças que, provavelmente, passam também pela resistência física. Contudo, como lembram Michele Z. Rosaldo e Louise Lamphere, "os biólogos podem nos dizer que, estatisticamente, os homens são mais fortes do que as mulheres, mas eles não podem nos dizer porque a força e as atividades masculinas, em geral, parecem ser valorizadas pelas pessoas em todas as culturas". (Rosaldo e Lamphere, 1979: 21). Os dados da biologia, por si só, informam pouco sobre o mundo social, pois, neste, a interpretação dos dados da biologia é perpassada por formas simbólicas que remetem à cultura e aos arranjos da sociedade humana. No domínio do senso comum o negro é tido como mais forte que o branco, no entanto, esta maior resistência física atribuída ao negro não resultou numa valorização das atividades do negro e numa superioridade social deste em relação ao branco. Ao contrário, na nossa sociedade, a força atribuída ao negro foi trabalhada no sentido de circunscrevê-lo às atividades manuais, socialmente desprestigiadas, por oposição ao trabalho intelectual para o qual, indevidamente, muitos acreditam, o branco estaria mais capacitado.

O que está se pretendendo mostrar é que o dado biológico — força, resistência física — em si, não explica a hierarquização social das categorias homens/mulheres e negros/brancos. Essa hierarquização passa por outras vias que não

o biológico, pois não são as diferenças fisiológicas, enquanto tais, que explicam as hierarquias sexuais e/ou étnicas, mas sim o uso social que é feita delas e o significado que lhes é atribuído. (Stolcke, 1980:83 - 117)

Um exemplo tornará mais claro esta questão e nos fará retornar à divisão sexual do trabalho dos ceramistas de Itabaianinha.

Retomemos especificamente o torno enquanto instrumento de trabalho vedado às mulheres por ser "pesado" e, extrapolando o círculo do trabalho com o barro, tentemos estabelecer uma comparação com outras esferas de atividades tidas como próprias da mulher, como é o caso dos bordados e costuras feitas tanto à mão como à máquina. Em Itabaianinha, embora estas atividades não tenham a pujança que se observa na vizinha cidade de Tobias Barreto, muitas mulheres a elas se dedicam. Costurar é localmente tida como atividade apropriada para mulheres. (Sergipe, 1981:119) Costureiras e bordadeiras são, por vezes, vizinhas das ceramistas a quem o torno é vedado sob a alegação de que o trabalho com o torno é "trabalho pesado". Comparando-se, porém, a máquina de costura, instrumento de trabalho tido como próprio para as mulheres, e o torno, instrumento de trabalho exclusivo dos homens, observa-se uma incrível semelhança no seu mecanismo. Ambos são acionados com a força física através de um movimento que se imprime com os pés. (5) No caso do torno, esse impulso é dado para que o disco gire e imprima um movimento circular ao cabeçote sobre o qual o ceramista coloca o barro e modela as peças, com o auxílio das mãos. No caso da máquina de costura, esse movimento é feito pelos pés, no sentido de movimentar o pedal para cima e para baixo e acionar o mecanismo que permite costurar ou bordar, cabendo às mãos os movimentos de comando sobre a peça que está sendo executada. Ambos os instrumentos regem-se, pois, pelo mesmo princípio: o movimento do pé para acioná-lo, o que exige força, e o movimento da mão para modelar ou bordar, o que exige habilidade. No entanto, apesar das mesmas exigências, um é conotado como instrumento de trabalho do homem, porque exige "trabalho pesado" e exige "força". O outro é tido como instrumento próprio da mulher e, por suposto, seu manuseio não exige "força", sendo um "trabalho leve". Isto deixa

5. A máquina de costura a motor não é usual no bairro pesquisado.

bastante claro que a atribuição de significados ao manuseio dos instrumentos de trabalho não obedece estritamente a critérios biológicos, mas se rege por uma outra lógica que é socialmente construída para marcar diferenças e, muitas vezes, enfatizar, através das diferenças, as desigualdades.

A nosso ver, o que faz com que as mulheres sejam capazes de acionar a máquina de costura e se excluam de trabalhar com o torno não são determinações de base biológica relacionadas com a presença ou ausência da força física, mas variáveis culturais historicamente determinadas, relacionadas com a definição de papéis sociais.

As mulheres ceramistas não são treinadas para trabalhar com o torno. Desse modo, utilizando apenas as mãos, elas produzem o movimento para girar a peça e, ao mesmo tempo, modelá-la, através de técnicas do corpo, diferentes das utilizadas no torno. Mas as mulheres bordadeiras desenvolvem técnicas que são semelhantes às dos homens que trabalham no torno. Isso mostra que, para entender a exclusividade no uso de um determinado instrumento de trabalho pelo homem ou pela mulher, não basta recorrer a uma fisiologia ou psicologia diferencial entre os sexos. É preciso, como diz Marcel Mauss, conhecer as tradições que se lhe impuseram e, desse modo, evidencia-se o peso do simbólico no uso do corpo e na divisão das tarefas, o que demonstra que esta é uma maneira adquirida e não uma maneira "natural" de trabalhar. (Mauss, 1974) A dificuldade em admitir-se a historicidade e a construção social da divisão do trabalho reside na tendência a considerar-se os papéis da mulher como derivados de sua natureza biológica. Essa "naturalização" da cultura, ou seja, a tentativa de explicar o que é criado socialmente pelo biológico, é claramente uma formulação ideológica que visa a legitimação da desvalorização cultural e social da mulher, tornando-a "natural", imutável e legítima. (Sahlins, 1980)

Homens no torno e mulheres à mão: modelando diferenças entre masculino e feminino

Uma forma muito difundida de ordenar a divisão das tarefas e dos espaços sociais entre os sexos é destinar aos homens o domínio do público e reservar às mulheres o domínio do privado. Tal modelo tem vigência no Brasil, não só

em áreas rurais, mas urbanas. Vários estudos têm mostrado como na cidade a "casa", que é o domínio da mulher, se opõe à "rua" e, no campo, ela se opõe ao "roçado" e ao "pasto", que são os domínios do homem. A casa, como assinala Klaas Woortmann, "não é só uma construção, mas também um domínio social, econômico e ideológico". Além de ser a base material do grupo doméstico um espaço de moradia, é também um espaço simbólico que aparece associado à mulher. O homem ganha fora da casa o que botar dentro dela. (Woortmann, 1982)

Uma questão que nos parece crucial para esses grupos domésticos de artesãos é como assegurar, no interior da casa e na produção, um espaço próprio do homem, sem o risco de confundir-se com a mulher, tradicionalmente a ocupante do espaço doméstico e fabricante da "louça de barro". A proximidade física entre homens e mulheres que trabalham juntos, manuseando a mesma matéria-prima, no interior da casa, que é tida como espaço da mulher, pode tornar-se perigosa, por tornar menos delimitadas as fronteiras entre as categorias masculino e feminino. Mary Douglas tem mostrado como a "mistura" estabelece a confusão na medida em que quebra a ordem do mundo expressa pelos esquemas de classificação. (Douglas, 1976)

Num sugestivo artigo sobre os Guaiáqui, grupo de caçadores nômades, Pierre Clastres mostra como a oposição entre masculino e feminino é expressa pela oposição entre o arco e o cesto, e como diante da inadequação de um homem, por exemplo, em manusear o instrumento próprio do seu sexo (o arco), "metaforicamente ele se torna uma mulher" ao assumir o cesto e participar das atividades das mulheres, merecendo, deste modo, o respeito e o reconhecimento social do grupo. Ao contrário, a relutância, por parte de homens inábeis no uso do arco, em aceitar o cesto, gera agressividade contra eles, pois constituem um "escândalo lógico", uma anormalidade no esquema de classificação do grupo. (Clastres, 1978) Onde há riscos de "misturas" existe-se, pois, que as fronteiras entre o masculino e o feminino sejam demarcadas com bastante nitidez. No caso dos grupos domésticos produtores de cerâmica, onde o espaço físico do trabalho é a casa, tradicionalmente o local das mulheres, essa delimitação de fronteiras se faz, não só necessariamente, como também marcada com bastante rigor.

A nosso ver, nos grupos domésticos produtores de cerâmica, o acesso exclusivo do torno aos homens é uma forma de marcar diferenças. O monopólio do torno cria este espaço próprio e privativo do homem e vinca, rigorosamente, a diferença do seu trabalho em relação ao trabalho da mulher, apesar de ambos trabalharem no interior da casa e com a mesma matéria-prima. Essa rigidez na delimitação do instrumento de trabalho tem, pois, a fundação de conferir ao trabalho do homem, que lida com o barro ao lado da mulher, sua especificidade, atuando, inclusive, na modelagem da personalidade masculina, socialmente construída segundo os valores e as normas do grupo: o homem tem maior "força" que a mulher, é ele quem sustenta a casa, ele é o provedor. Neste ponto, o torno é o elemento chave de afirmação do macho e dos papéis sociais que lhe são atribuídos. Até mesmo ao nível das peças produzidas, o torno permite vincar a diferença, que se quer bastante clara, entre masculino e feminino, distinção que se faz necessária, sobretudo, quando homens e mulheres vivem e trabalham nesse espaço ambíguo da casa, que é, ao mesmo tempo, residência e oficina. A exceção de algumas peças que são indistintamente produzidas no torno e à mão, vale dizer, por homens e por mulheres, há uma tendência a diferenciarem-se as peças produzidas por homens e as peças produzidas pelas mulheres. Esta diferenciação, que nem sempre resulta de uma imposição técnica do instrumento de trabalho, se repete também na destinação da peça. Desse modo, as peças fabricadas por homens e mulheres entrarão, também, nesse jogo de delimitação de papéis sociais próprios dos dois sexos.

No quadro seguinte apresentamos um elenco das peças produzidas por um grupo doméstico, designando-as com os nomes pelas quais são conhecidas entre os artesãos, o processo de modelagem empregado e, conseqüentemente, a produção masculina ou feminina, a destinação da peça segundo o artesão e a destinação segundo o pesquisador.

O quadro seguinte permite estabelecer algumas comparações entre a produção feminina e a masculina da "louça de barro."

1) — Homens e mulheres se dedicam à confecção de diferentes peças, o que indica uma certa especialização, acompanhando as linhas da divisão sexual do trabalho. São poucas as peças indistintamente fabricadas pelos dois sexos

P E Ç A S		PROCESSO		DESIGNAÇÃO	
Designação do Próprio Artesão	Tomo Homem	Mão Mulher	Segundo o Artesão	Segundo o Pesquisador	
Prato raso		+	Colocar molho	Casa/Alimentos	
Prato fundo		+	Colocar a comida	Casa/Alimentos	
Travessa		+	para comer		
Xícara		+	Colocar carne	Casa/Alimentos	
Alguidar		+	Beber café	Casa/Alimentos	
Panela		+	Lavar a louça	Casa/Alimentos	
Frigideira		+	Cozinhar feijão	Casa/Alimentos	
Caboca		+	Cozinhar carne	Casa/Alimentos	
		+	Cozinhar qualquer coisa		
Torrador de café		+	Torrar café	Casa/Alimentos	
Buião		+	Fazer café	Casa/Alimentos	
Chaleira		+	Ferver água ou enfeitar	Casa/Alimentos	
Cuscuzelro		+	Cozinhar cuscuz	Decoração	
Pote		+	Armazenar água	Casa/Alimentos	
Porrão		+	em casa		
		+	Armazenar água	Casa/Alimentos	
Moringa: a) gomo		+	em casa		
		+	Armazenar água	Casa/Alimentos	
b) 2 gomos		+	em casa		
		+	Armazenar água	Casa/Alimentos	
c) lisa		+	em casa		
	+	+	Armazenar água	Casa/Alimentos	
Cabaça	+	+	em casa		
		+	Levar água p/roça	Roça/Alimentos	

P E Ç A S	PROCESSO		DESTINAÇÃO	
	Tomo Homem	Mão Mulher	Segundo o Artesão	Segundo o Pesquisador
Miniaturas	+	+	Brinquedos de criança	Criança/Lazer
Talha	+	+	Enfeitar a casa	Casa/Decoração
Caqueiros: a) de pé	+		Vaso p/planta	Casa/Decoração
b) de pendurar	+		Vaso p/planta	Casa/Decoração
c) de assentar	+		Vaso p/planta	Casa/Decoração
Mealheiro (Cofre)	+		Juntar dinheiro	Casa/Poupança
Caco p/passarinho	+		Água p/passarinho	Casa/Lazer

(cabaças e moringas) e, quando isto ocorre, elas são mais freqüentemente fabricadas pelos homens, no torno.

2) — A produção feminina é mais diversificada, tendo sido enumerados 16 tipos diferentes de peças fabricadas à mão, ao passo que a produção masculina é menos variada. Essa menor variação das peças produzidas pelos homens pode ser resultantes das limitações impostas pelo torno ou da inabilidade dos artesãos locais de retirarem do instrumento todas as suas potencialidades (6), ou mesmo da necessidade de manter fronteiras entre a produção feminina e a masculina.

3) — No seu conjunto, a produção de "louça de barro", tanto a fabricada por homens como por mulheres, tem como destinação final a casa — o espaço doméstico. Fazem exceção as miniaturas tidas como brinquedos de crianças e as cabaças nas quais se transporta água para as roças. No entanto, na visão dos artesãos, há uma significativa diferença entre a utilização das peças fabricadas pelas mulheres e aquelas fabricadas pelos homens. Elas têm, não só, utilizações diferentes, como se destinam a diferentes partes da casa que, considerada como uma totalidade, é o domínio do privado e, como tal, se opõe ao mundo de fora. No seu interior ela segue uma "planta ideológica" que admite vários níveis de privacidade, os quais se expressam, por exemplo, pela oposição entre frente e fundo, sala e cozinha. A sala é o local onde se recebe estranhos. "Este é também o lugar onde fica o homem da casa, quando está nela... A sala de visita é o local da casa onde se dá a mediação com o mundo exterior à família, daí seu caráter predominantemente masculino. Ela está sempre arrumada porque é e'la que dará a imagem da casa aos de fora". Em contrapartida: "A cozinha é o local da mãe de família... Note-se que a cozinha serve a um outro tipo de mediação do mundo exterior com a casa: é na cozinha que os elementos do mundo animal, vegetal e mineral, são transformados em alimentos pelas mãos da mulher... Se a casa é o lugar da mulher, dentro deste espaço a cozinha é o seu local próprio". (Garcia Jr. *apud* Wöortmann, 1982)

6. Ao que parece, em Carrapicho, os artesãos conseguem fabricar no torno uma maior variedade de peças.

É interessante observar, e isto poderá ser feito pelo quadro da página 14, que a destinação da "louça de barro" produzida pelos homens e pelas mulheres acompanha, em linhas gerais, os espaços masculinos e femininos da casa e os níveis de privacidade desta. As peças modeladas à mão pelas mulheres constituem basicamente utensílios domésticos associados ao armazenamento, preparo e consumo dos alimentos. Destinam-se, pois, à cozinha, tido como espaço próprio da mulher e o mais reservado da casa. A produção masculina, orientada para peças com fins decorativos, tem como destinação a casa, na sua parte mais pública, que precisa ser enfeitada porque é mais vista, mais visitada por estranhos, mais voltada para o mundo de fora. Essa percepção que os artesãos têm da destinação das peças produzidas por homens e por mulheres, associadas à diferença na técnica de modelar, ajuda a marcar os espaços próprios do homem e da mulher e seus papéis no interior da unidade produtiva, que é o grupo doméstico.

Claro está que no mercado mais amplo, sobretudo quando adquiridas por pessoas da classe média e alta, as peças têm destinação diferente daquela que é indicada e percebida pelos artesãos. (7) O que importa, porém, para estabelecer as fronteiras entre as atividades dos dois sexos, é a percepção que os próprios artesãos têm do produto do seu trabalho, a diferença que vêm entre as peças produzidas e a destinação que lhes atribuem.

Estes elementos parecem-nos importantes nesta demarcação de fronteiras. É significativo assinalar que em Itabaianinha homens não fabricam "painéis", utensílios confeccionados sempre pelas mulheres e relacionados com o cozimento dos alimentos, considerada uma atividade essencialmente feminina. (8)

7. Sobre a atribuição de novos usos e significados às peças artesanais pelos consumidores citadinos, ver o instigante trabalho de Nestor García Canclini: *As Culturas Populares no Capitalismo*, especialmente o capítulo intitulado: "Do Mercado à Boutique — quando as peças de artesanato emigram." (Canclini, 1983)

8. Vale registrar que o hábito de reunir amigos em casa para preparar e comer churrasco, hábito que vai se difundindo na classe média urbana ascendente, tem sido interpretado por alguns como uma forma de diluir a regra que reserva às mulheres a preparação dos alimentos. Contudo, mesmo quando os homens assumem os encargos de assar a carne, cabe às mulheres cozinhar os grãos e tubérculos que acompanham o churrasco. Recria-se, deste modo, uma nova divisão sexual do trabalho que

Deste modo, a organização da produção da "louça de barro" no interior dos grupos domésticos, quer através do monopólio de instrumentos, quer através das peças produzidas, remete a uma lógica que é a mesma que rege a divisão sexual do trabalho na sociedade mais ampla. Ao representar a mulher como a "dona das panelas", aquela que as produz e aquele que as usa, considera que o espaço próprio da mulher é o espaço doméstico e, dentro deste, prioritariamente, a cozinha, local, não só o mais reservado da casa, como também o de preparo dos alimentos. Ao contrário, o homem produtor de "louça de barro" aparece como aquele que executa seu trabalho em casa, mas fabrica peças destinadas à sua parte mais pública, mais condizente para os espaços que lhe são reservados — o mundo de fora.

Mesmo nos grupos domésticos, onde a mulher não faz "panelas", as peças produzidas acompanham as divisões sexuais dos artesãos. É o caso, por exemplo, de um grupo doméstico voltado para a produção de peças miúdas. No torno o homem faz miniaturas de moringas e cacos para passarinho; à mão a mulher modela bonecos e bichinhos os mais variados, dedica-se à chamada cerâmica figurativa. (9) De algum modo, tenta-se estabelecer limites entre a competência do homem e a competência da mulher e vincar os espaços e os papéis sociais que lhe são destinados. O torno, enquanto instrumento que se constitui num monopólio dos ho-

reproduz a distribuição das tarefas culinárias comuns a muitos povos "primitivos", nos quais os homens se ocupam de assar e as mulheres de cozer, aparecendo a mulher mais uma vez como a "dona das panelas", posição que tem sido trabalhada por Lévi-Strauss como expressão de Natureza X Cultura. (Lévi-Strauss, 1971)

9. Embora em Itabaianinha a cerâmica figurativa seja desenvolvida sobretudo por mulheres, esta parece ser uma área neutra no que diz respeito à atuação dos dois sexos. Se homens não fazem "panelas" nem mulheres fazem peças no torno, indistintamente homens e mulheres trabalham à mão, fazendo "bonecos". É atividade que não desmerece o homem, como o faria a confecção de "panelas". Pode até garantir-lhe o reconhecimento de setores cultos e a qualificação de "artistas", e não simplesmente de "artesão". O caso de Vitalino, cujos "bonecos" deram-lhe fama e conquistaram o mercado nacional, é bastante exemplificativo. Em Sergipe, homens e mulheres têm se destacado e conseguido reconhecimento social através da confecção de cerâmica figurativa: Cachoba e Feliciano em Carrapicho, Judite em Estância e Beto Pesão em Aracaju são exemplo de como a cerâmica figurativa, muitas vezes elevada à condição de "arte", tem sido uma área onde se diluem as linhas da divisão sexual do trabalho.

mens assume, pois, neste contexto, uma nítida função na delimitação de fronteiras entre o Masculino e o Feminino.

Uma questão que se coloca é saber em que medida essas diferenças entre o trabalho dos homens no torno e o trabalho das mulheres à mão se constituem simplesmente em elementos complementares da divisão do trabalho entre os dois sexos no interior do grupo doméstico ou se contribuem para estabelecer e/ ou reproduzir desigualdades entre eles. Essa questão, sobre a qual esboçamos algumas reflexões preliminares (Dantas, 1983), será retomada em outro artigo, analisando-se os significados e usos das diferenças no acesso aos instrumentos de trabalho no interior dos grupos domésticos produtores de cerâmica e na sua articulação com a sociedade mais ampla.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Neuma. "O Impacto da Industrialização no Trabalho da Mulher no Nordeste". *Tempo de Transformação no Nordeste*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- ALLIER, Verena. "As Mulheres do Caminhão de Turma". *Debate e Crítica* n.º 5, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- CARVALHO, Fernando Lins de. "Anotações Preliminares sobre a atividade Artesanal da Cerâmica em Itabaianinha". in DANTAS, Beatriz Góis (Coord.) 1983. *Artesanato em Sergipe — Cerâmica*. UFS/CECH/DPS. (mimeo), 1981.
- CLASTRES, Pierre. "O Arco e o cesto". *A sociedade Contra o Estado*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.
- DANTAS, Beatriz Góis (coord.), *Artesanato em Sergipe — Cerâmica*. Relatório Preliminar e Parcial de Pesquisa. UFS/CECH/DPS. (mimeo.). 1983.
- DANTAS, Carmem Lúcia T. Almeida. *Carrapicho: Cerâmica e Arte*. Macció, 1980.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Perspectiva, São Paulo. 1976.
- GARCIA JR. e HEREDIA, Beatriz. "Trabalho familiar e campesinato". *América Latina*, 14, 1 e 2, 1971.
- LEVI-STRAUSS, Claude. "Breve Tratado de Etnologia Culinária". *Mitológicas: El origen de las maneras de mesa*. Siglo Veintiuno. Argentina, 1971.

- MAUSS, Marcel. "As Técnicas Corporais". *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- MAZZIEIRO, Rosângela. "A aquisição do saber do artesão ceramista". in BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Coord.), *Estrutura e Processos Sociais de Reprodução do Saber Popular: como o povo aprende*. Unicamp. (mimeo), 1982.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A feira de Brejo Grande: Estudo de uma instituição econômica num Município sergipano do Baixo São Francisco*. Tese de Doutorado. UNICAMP. (mimeo), 1975.
- NOVELO, Victoria. *Artesanias y capitalismo en México*. Instituto Nacional de Antropología e História, México, 1976.
- PRADO, Regina de Paula Santos. *Todo ano tem as festas na estrutura social camponesa*. Dissertação de mestrado. Museu Nacional UFRJ (mimeo), 1977.
- PEREIRA, José Carlos da Costa. *A Cerâmica Popular da Bahia*. Progresso. Salvador, Progresso, 1957.
- . *Organização do Artesanato e da Pequena Indústria em Sergipe*. CONDESE, Aracaju, 1961.
- ROSALDO, Michele Zimbalist e LAMPHERE, Louise. *A Mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- SAHLINS, Marshall. *Critique de la Sociobiologie — Aspects Anthropologiques*. Paris, Galimard. 1980.
- SERGIPE. Secretaria do Estado do Planejamento. *Estudo da mão-de-obra nos municípios do PDRI — Tabuleiros Sul de Sergipe*. Aracaju, 1981.
- SIGAUD, Lygia. *Os Clandestinos e os Direitos. Estudos sobre os Trabalhadores da Cana-de-Açúcar de Pernambuco*. Duas Cidades. São Paulo, 1971.
- SILVERSTEIN, Leni. M. "Mãe de todo mundo. Os modos de sobrevivência nas comunidades do Candomblé da Bahia". *Religião e Sociedade*, n.º 4. Rio de Janeiro, 1979.
- STOLCKE, Verena, "Mulheres e Trabalho". *Trabalho e Dominação*. Estudos Cebrap 26, 1980.
- WOORTMANN, Klaas. "Casa e Família Operária". *Anuário Antropológico* 80. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1982.